

Estudos

Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Estudos

Interdisciplinares sobre
Gênero e Feminismo 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E82	<p>Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-790-1 DOI 10.22533/at.ed.901192111</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Feminista... é fazer aquilo que diziam que eu não podia fazer; aquilo que diziam que só o homem pode fazer, eu como mulher também posso fazer. Feminista, acima de tudo é quebrar barreira, é mostrar que a gente pode fazer o trabalho independente do homem, não necessariamente que tenha um do lado. (Ajurimar Bentes – integrante do Grupo de Mulheres Guerreiras Sem Teto, do Movimento dos Sem Teto de Salvador, 2010)

A interdisciplinaridade é uma alternativa em relação ao conhecimento compartimentado em disciplinas e ao discurso de autores contemporâneos que, se por um lado têm representado avanços em algumas discussões específicas, por outro, fica a dever na abordagem científica e na problematização de temas que devem ser considerados em sua complexidade e que ultrapassam o âmbito teórico e metodológico de uma única disciplina. A reflexão interdisciplinar, métodos de uma área para outra, o que possibilita a geração de novos conhecimentos e profissionais com fundamentação sólida e integradora.

A construção das identidades culturais e de gênero na sociedade contemporânea, cujas transformações especialmente a chamada globalização, “acirrada” desde a década de 70 são objeto de reflexão da teoria social. A partir da compressão do tempo-espaço, da globalização da economia e da informação, a construção das identidades ganha novos contornos e necessita ser discutida. As travestis, transformistas, drag-queens e transexuais os transgêneros refletem as constituições de identidade e de gênero.

A sociedade contemporânea tem sido objeto de várias discussões na teoria social, particularmente suas transformações a partir da década de 70. Nessas discussões são várias as denominações para este processo, como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva. Esses rótulos, entretanto, não são o que mais importa, mas sim as modificações intensas e contundentes na contemporaneidade e, acredito, vale a pena refletir sobre alguns aspectos dessa mudança.

Antes de tratar especificamente da questão da identidade na sociedade contemporânea, parece-me importante inserir na discussão alguns autores que refletem sobre o próprio cenário contemporâneo embutindo nessa discussão, de forma mais ou menos explícita, a questão das identidades. Como se dá a construção e reconstrução das identidades em um cenário fragmentado, permeado estética e informacionalmente pela mídia, por imagens sobrepostas, por informações sobrepostas, redes, fluxos, riscos e incertezas.

Hall afirma ainda que um aspecto importante relacionado à questão da identidade estaria ligado às transformações na alta modernidade, especialmente a globalização. As mudanças de tempo e espaço, as fragmentações dentro da própria modernidade e a ruptura com antigas tradições, a diferença como característica fundamental, enfim,

processos de descontinuidade, fragmentação, ruptura, deslocação, características da alta modernidade, contribuiriam sobremaneira para a transformação das identidades, que se tornariam fragmentadas e plurais. “Quanto mais a vida social torna-se mediada pelo marketing global de estilos, lugares e imagens, pelos trânsitos internacionais, por imagens de mídia e sistemas de comunicações em redes globais, mais as identidades tornam-se destacáveis - desconectadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo estar ‘à deriva’. Somos confrontados por uma série de diferentes identidades, cada uma delas nos atraindo, ou antes atraindo diferentes partes de nós, a partir das quais parece possível fazer escolhas.” (Hall, 1995: 57). Não é possível, então, pensar as identidades de forma deslocada do contexto, da experiência concreta. Na sociedade contemporânea parece ser difícil pensar no desejo de uma “unidade”. A globalização, assim, antes de estar vinculada a uma totalidade transcendente, permitiria uma proliferação de fragmentos. Ou seja, o local como parte integrante do mundo. Paisagens reais e virtuais que, de algum modo, se oferecem ao olhar de maneira parcial, mas ao mesmo tempo, como parte de um todo.

Na construção de uma perspectiva interdisciplinar, tão necessária para se dar conta dos processos multidimensionais, usar o conceito de gênero, a reprodução das ideologias e relações de gênero a partir das seguintes dimensões a) a dimensão simbólica, referente aos modelos e tipos ideais sobre masculino e feminino; b) a dimensão normativa, que diz respeito a tradução desse mundo simbólico em normas e valores c) a dimensão institucional, pertinente as instituições sociais – tais como, família, escola, estado, igreja, mídia, mercado, dentre outras – responsáveis pela disseminação dessas normas e valores; e d) a dimensão subjetiva, que diz respeito ao processo de interiorização desses valores e comportamentos correspondentes. Outro marco fundamental é O Segundo Sexo, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. A sentença mais utilizada é a notória “Não se nasce mulher, torna-se”.

Não basta a simples “transmissão de conhecimentos” teóricos provenientes dos estudos interdisciplinares de gênero e sexualidade na superação de preconceitos e discriminações na escola. É necessário ir além, abrir espaços no interior das instituições escolares para se problematizar os sentimentos, as resistências e os preconceitos que cercam esta temática.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NOTIFICAÇÃO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA SAÚDE PÚBLICA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO, EDUCAÇÃO E DIREITO	
Izadora Ribeiro Silva Costa Lina Maria Brandão de Aras	
DOI 10.22533/at.ed.9011921111	
CAPÍTULO 2	13
O CORPO E O GÊNERO NO CURRÍCULO DO ENSINO DE CIÊNCIAS NO TERRITÓRIO FEDERAL DO ACRE	
Murilena Pinheiro de Almeida Marco Antonio Leandro Barzano Cleyde Oliveira de Castro Maria de Lourdes Esteves Bezerra Cenair Felini Soares	
DOI 10.22533/at.ed.9011921112	
CAPÍTULO 3	28
O SILENCIAMENTO DA DOR: FEMINICÍDIO NA BAHIA ENTRE OS ANOS DE 2015 A 2018	
Fadja Mariana Fróes Rodrigues Tânia Rocha Andrade Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.9011921113	
CAPÍTULO 4	40
OS MOVIMENTOS FEMINISTAS E A INSTITUIÇÃO DE POLÍTICAS PARA MULHERES: UMA RELAÇÃO VISCERAL	
Maria Flávia Andrade Araújo Lisboa Tainá Rocha dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9011921115	
CAPÍTULO 5	52
POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO E SERVIÇO SOCIAL: UM DEBATE SOBRE A INTERSETORIALIDADE DAS POLÍTICAS SOCIAIS E OS DESAFIOS PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL DA/O ASSISTENTE SOCIAL	
Rosária de Fátima de Sá Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9011921116	
CAPÍTULO 6	64
POR UMA DRAMATURGIA FEMINISTA: JORNADAS DE F(R)ICÇÃO	
Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra	
DOI 10.22533/at.ed.9011921117	
CAPÍTULO 7	74
PARTEIRAS E DOULAS BRASILEIRAS: AUTONOMIA E ARTICULAÇÕES FEMINISTAS EM REDE	
Danielle Andrade Souza	
DOI 10.22533/at.ed.9011921118	

CAPÍTULO 8	87
OS PROCESSOS PSICOSSOCIAIS DO USO ABUSIVO DO ÁLCOOL E AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA PSICOLOGIA NO TRATAMENTO DE MULHERES ADULTAS	
Ana Paula Almeida dos Santos	
Rafael Antonio Oiticica de Miranda	
Alexandra Soares dos Santos	
José Euclimar Xavier de Menezes	
Marcos Moura Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.9011921119	
CAPÍTULO 9	96
RELAÇÕES DE GÊNERO E PLANEJAMENTO REPRODUTIVO EM RELACIONAMENTOS HETEROSSEXUAIS: NEGOCIAÇÕES, LIMITES E O PROTAGONISMO FEMININO	
Suzianne Jackeline Gomes dos Santos	
Mary Alves Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.9011921110	
CAPÍTULO 10	108
REPERCUSSÕES HOMOSSEXUAIS NO AMBIENTE ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
José Renato Santos de Oliveira	
Ingrid de Souza Silva	
Tatiane Pina Santos Linhares	
Tatiana Tarrão dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9011921111	
CAPÍTULO 11	119
“SOMOS HUMANOS NA RUA”: USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS ATENDIDOS PELO PROJETO PONTO DE CIDADANIA	
Alexandra Soares dos Santos	
Ana Paula Almeida dos Santos	
Rafael Antonio Oiticica de Miranda	
Sueli Jesus Santana	
Mônica Coutinho Cerqueira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.9011921112	
CAPÍTULO 12	127
SEGREGAÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO NOS ANOS DE 2002 E 2014	
Débora Juliene Pereira Lima	
Ana Márcia Rodrigues da Silva	
Edna Raimunda Teodoro	
DOI 10.22533/at.ed.9011921113	
CAPÍTULO 13	138
TERRITÓRIO DE NARRATIVAS: LOCAIS DESTINADOS ÀS MULHERES NOS DISCURSOS PRODUZIDOS NOS MUSEUS DO CENTRO HISTÓRICO BELENENSE	
Sílvia Raquel de Souza Pantoja	
Melissa Walesk de Oliveira Dias Souza	
DOI 10.22533/at.ed.9011921114	

CAPÍTULO 14	148
TRABALHO, POLÍTICA E GÊNERO: O PAPEL DA MULHER NA HISTÓRIA E O RESGATE DO FEMINISMO	
Fernanda Andrade Silva	
DOI 10.22533/at.ed.90119211115	
CAPÍTULO 15	158
TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E TRANSGÊNERAS(OS) EM SITUAÇÃO DE CÁRCERE: NORMATIVAS BRASILEIRAS	
Gabriela Bothrel Echeveria	
Vivianny Kelly Galvão	
Verônica Teixeira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.90119211116	
CAPÍTULO 16	169
VADIAGENS DA CIÊNCIA-EXPERIÊNCIA: GINGANDO NUMA RODA MULTIRREFERENCIAL COM CAROLINA DE JESUS, INAICYRA FALCÃO E ELZA SOARES	
Régia Mabel da Silva Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.90119211117	
CAPÍTULO 17	178
UM CORPO NEGRO EM DIÁSPORA NA PRODUÇÃO DE UMA ATENÇÃO À SAÚDE FEMINISTA E ANTIRRACISTA	
Lais Alves Porto	
DOI 10.22533/at.ed.90119211118	
CAPÍTULO 18	184
MULHERES NA LUTA POR PARTICIPAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS: UMA EXPERIÊNCIA RECENTE EM NOSSA SENHORA DA GLÓRIA (SE)	
Itanamara Guedes Cavalcante	
Maria do Carmo Santos Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9011921111819	
CAPÍTULO 19	196
SAÚDE INTEGRAL À SAÚDE DA MULHER: DESAFIO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Divanise Suruagy Correia	
João Klínio Cavalcante	
Laura Marques Angelo Neto	
Maria das Graças Monte Mello Taveira	
Viviane Maria Cavalcante Tavares	
Sandra Lopes Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.9011921111820	
SOBRE A ORGANIZADORA	207
ÍNDICE REMISSIVO	208

SAÚDE INTEGRAL À SAÚDE DA MULHER: DESAFIO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Divanise Suruagy Correia

João Klínio Cavalcante

Laura Marques Angelo Neto

Maria das Graças Monte Mello Taveira

Viviane Maria Cavalcante Tavares

Sandra Lopes Cavalcanti

RESUMO: O Projeto de extensão Saúde Integral à Saúde da Mulher apresenta uma abordagem multidisciplinar sobre o tema realizado em uma comunidade da periferia de Maceió, Alagoas, Brasil, composto por docentes e discentes da área da saúde e de humanas, da Universidade Federal de Alagoas. Aconteceu através de reuniões semanais de seus membros para planejamento das ações práticas na comunidade, capacitação sobre os temas estabelecidos. As ações na comunidade aconteceram mensalmente com participação de usuárias da comunidade Denisson Menezes, com o apoio de Agentes Comunitários de Saúde, através de chamada por cartazes espalhados durante a semana na unidade. Foram discutidos temas como corpo e sexualidade, saúde mental, câncer de mama e de colo de útero, empoderamento e autoestima da mulher, Infecções Sexualmente Transmissíveis, envelhecimento, parto humanizado e violência obstétrica, maternidade nos dias atuais, alterações metabólicas, aborto,

violência e assédio. Destacamos que o trabalho em equipe multidisciplinar e a estratégia de abordagem através da roda de conversa foi o diferencial do projeto, que aparece como uma semente de reflexão sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde da Mulher; Saúde Integral; Gênero e Saúde; Extensão Universitária; Saúde da Família.

WOMEN'S INTEGRAL HEALTH: CHALLENGE OF A UNIVERSITY EXTENSION PROJECT

ABSTRACT: The Extension Project Integral Health to Women's Health presents a multidisciplinary approach on the theme carried out in a community on the outskirts of Maceió, Alagoas, Brazil, composed of teachers and students from the health and human area, from the Federal University of Alagoas. It happened through weekly meetings members to plan practical actions in the community, training on the established themes. The actions in the community took place monthly with the participation of users Denisson Menezes' community, with the support of Community Health Agents, through the call for posters spread during the week in the unit. Were discussed topics such as body and sexuality, mental health, breast and cervical cancer, women's empowerment and self-esteem, sexually transmitted infections, aging,

humanized childbirth and obstetric violence, current motherhood, metabolic disorders, abortion, violence and harassment. We highlight that the multidisciplinary teamwork and the approach strategy through the conversation wheel was the differential of the project, which appears as a reflection seed on the theme.

KEYWORDS: Women's Health; Integral Health; Gender and Health; University Extension; Family Health.

INTRODUÇÃO

A saúde é conhecida pela conceito padrão da Organização Mundial de Saúde que afirma ser não apenas a ausência de doença, mas também o bem-estar biopsicossocial e espiritual, no entanto este conceito é muito amplo e pouco considera especificidades e necessidades de cada indivíduo, visto que a realidade multifacetada e sua complexidade deve ser considerada na visão da pessoa como um ser completo.

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher no Brasil traz em seu manual de 2011, uma abordagem que busca focar questões de gênero, integralidade, promovendo a saúde na procura de alcance dos direitos sexuais e reprodutivos, além disso objetiva a atenção durante a gestação, ao abortamento inseguro e ao planejamento familiar. Outro aspecto muito importante que ela se refere é o combate à violência doméstica e sexual (BRASIL, 2011).

Todavia ainda é comum uma abordagem à saúde da mulher de forma restrita, abordando principalmente aspectos biológicos e anatômicos do corpo feminino, momento em que o corpo feminino é visto na sua função reprodutiva e a maternidade seu principal atributo. Nessa visão a saúde da mulher limita-se à saúde materna ou à ausência de enfermidade associada ao processo de reprodução biológica (BRASIL, 2011; FERNANDES, 2019; SILVA, 2019).

As Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2014) para o curso de Medicina vem sendo atualizadas nos últimos anos, preconizando a aproximação dos docentes e discentes com o Sistema Único de Saúde (SUS) particularmente a Atenção Primária (AP) na busca de princípios como a integralidade. Questões biopsicossociais são consideradas e estudadas nesse nível de atenção à saúde, todavia ainda são carentes discussões dos direitos sexuais e questões de gênero tanto nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) como no referido curso, o que se constata nos estudos publicados e nas ementas e grades curriculares. Isto se reflete na formação dos profissionais médicos, carentes de uma formação integral sobre saúde da mulher (FERNANDES et al, 2019; SILVA et al, 2019). Há muito se sabe que as mulheres têm determinantes de saúde diferentes dos homens e que vão além do espectro reprodutivo (BRASIL, 2011).

A evolução da história mostra que as políticas públicas homogeneizaram as

pessoas, não especificando a diferença entre os gêneros. No Brasil, quando se trata de políticas à Saúde da Mulher, a visão geral é de atenção ao parto e à maternidade. Dessa forma para a renovação desse cenário é imprescindível que ocorram transformações na visão dos profissionais de saúde em formação, no intuito de reduzir a desigualdade entre gêneros e proporcionar um atendimento mais integral à mulher (PEDROSA, SPINK, 2011; BRASIL, 2011).

O SUS preconiza a Atenção Primária (AP) como a porta de entrada ao sistema de saúde, sendo atualmente a Estratégia de Saúde da Família (ESF) o modelo preferencial de organização na AP no Brasil, almejando que essa estratégia aproxime do processo de saúde-doença dos usuários de forma ímpar envolvendo a família e a comunidade. Consta-se que a ESF ampliou e modificou o acesso aos serviços de atenção à saúde no Brasil, particularmente em áreas mais carentes socioeconomicamente, porém urge uma transformação na forma do cuidar que pode ocorrer através da reformulação da dinâmica de trabalho, levando a uma assistência coletiva, inter e multiprofissional com foco no sujeito, na família e no contexto social onde ele/as estão inserido/as (BRITO et al, 2018).

Tal como a sociedade como um todo, no Brasil as mulheres vêm envelhecendo e esse crescimento da população idosa traz provocações à nossa sociedade em diversos setores como: econômico, de infraestrutura urbana e de serviços. No setor saúde vemos o SUS se deparando com a necessidade de se readequar, reestruturar e reorganizar diante do aumento da prevalência de doenças crônicas. Damaceno e Chirelli nos diz que:

“Destaca-se a cogestão que entrevê a necessidade da operacionalização de um cuidado por meio da integração entre os profissionais, gestores e usuários, na perspectiva de constituir o projeto terapêutico a partir das necessidades dos usuários, tornando-os ativos e participativos, como também, operando nas mudanças das relações e no contexto de trabalho da equipe” (2019, p. 1638)

O que demonstra a necessidade dos profissionais se capacitarem para assistirem de uma melhor forma esta faixa etária da população brasileira. Assim a ESF, palco de nosso projeto, é um meio propício para essa reorganização abordando os idosos de forma diferenciada em suas práticas, estimulando o envelhecimento sadio e ativo, o que pode ocorrer através da integralidade do cuidado ao idoso, bem como da inserção em um contexto social favorável considerando suas capacidades e potencialidades (DAMACENO E CHIRELLI, 2019)

As questões de gênero vêm ocupando espaço nos últimos anos no meio científico. Oliveira et al (2019, pp 11-12) considera que para se obter direitos os caminhos devem ser iniciados nas

“articulações entre os sujeitos, no espaço da sociedade civil, principalmente por considerar que o próprio direito à saúde, o Sistema Único de Saúde (SUS), se deu também por meio das lutas de movimentos sociais, como a reforma sanitária. [...] apesar da saúde ser um direito social afirmado na Constituição Federal de 1988, ela deve ser percebida como um objeto complexo e a sua manutenção exige ações permanentes e dependentes da participação ativa de vários atores sociais

além dos poderes estatais.”

Trabalhar com questões de gênero traz reflexões sobre papéis, identidades e valores atribuídos a homens e mulheres como construções sociais e históricas que acontecem e evoluem (ou não). Assim gênero é uma categoria de análise que deve ser pensada desde o descobrimento de normas que determinam as relações de poder, destacando-se as relações entre mulheres e homens como um relacionamento de poder (FALCONE, 2019). Poder que pode levar ao exercício de uma violência, geralmente contra a mulher, ainda vista como o sexo frágil, que se submete a uma relação desnivelada hierarquicamente nesta relação homem – mulher, por diversas razões historicamente construídas.

Apesar de ser antiga a questão da violência, nos últimos anos houve um despertar para seu estudo, principalmente no Brasil, tornando-se um problema de saúde pública. Para sua abordagem são necessários enfoques e recursos inovadores. A violência doméstica se destaca, e é frequente e mundialmente distribuída, envolvendo geralmente uma pessoa familiar ou do convívio da vítima. As ações de violência acarretam sequelas que provocam baixa autoestima e muitas vezes problemas de saúde, com risco de ideação suicida e depressão (CRUZ, IRFFI, 2019; SILVA et al, 2016).

Outro tipo de violência contra mulher, surge a violência obstétrica que vem sendo estudada cientificamente além de debatida na área jurídica, com atuações do Ministério Público e intervenções de saúde pública. Esse tipo de violência foi reconhecido como problema de saúde pública pela Organização Mundial de Saúde, dessa forma tornam-se relevantes as ações que possibilitam maior visibilidade no sentido de prevenção para essa forma de violência nas práticas de saúde despertando atenção da necessidade de políticas públicas, bem como pesquisas e intervenções (DINIZ et al, 2015).

Entendemos neste trabalho que atuar na discussão de problemas sociais, culturais e econômicos, tais como a autoestima das mulheres, a violência, o envelhecimento, o autoconhecimento, a tripla jornada e a discriminação de gênero é lidar diretamente com Saúde.

A extensão universitária é um dos tripés básicos da Universidade, junto ao ensino e a pesquisa. O que torna as ações neste contexto um processo multidisciplinar, educativo, científico e muitas vezes político, por gerar a integração não só entre estudantes e professores, como também a transformação de todos envolvidos destacando-se a comunidade onde e com quem se trabalha (SILVA et al, 2016)

Entendemos também que através da extensão universitária os muros são ultrapassados, quando conhecimentos são trocados entre universidade e comunidade, ocorrendo maior integração o que possibilita a formação de profissionais como novos olhares e saberes.

Embasados nos aspectos acima citados planejamos e executamos um projeto

de extensão na Faculdade de Medicina (FAMED) da Universidade Federal de Alagoas, nos anos de 2018 e 2019, com objetivos de: 1) vivenciar ações de atenção à saúde da mulher de forma crítica, com enfoque na saúde integral; 2) sensibilizar sobre os determinantes sociais implícitos e explícito na saúde da mulher; 3) discutir sobre a saúde mental feminina e saúde da mulher idosa; 4) sensibilizar sobre os impactos da violência contra a mulher e violência obstétrica; 5) propiciar a reconstrução da autoestima das mulheres e empoderá-las sobre seus corpos e sexualidade; 6) conscientizar mulheres sobre as patologias mais prevalentes (neoplasias de útero e mamas, alterações metabólicas e ISTs) e seus cuidados; 7) produzir material pedagógico e científico para propagar os objetivos do projeto.

Neste momento objetivamos descrever o desafio de coordenar e realizar um projeto de extensão voltado à atenção integral à saúde da mulher intitulado Atenção Integral à Saúde da Mulher - AISAM.

MÉTODOS

O projeto nasceu da iniciativa de duas discentes do curso de Medicina da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) que foram orientadas por uma docente da Faculdade de Medicina (FAMED). Após a elaboração do projeto, houve a submissão e aprovação ao Programa Círculos Comunitários de Atividades Extensionistas (ProCCAExt) em fevereiro de 2018 e em seguida a divulgação do Projeto entre os curso da área da saúde e de suas ideias e a realização de um processo seletivo, no mês de abril de 2018, quando foram escolhidos dez discentes da área de saúde da UFAL como novos membros, totalizando, assim, um grupo com 12 pessoas de variadas graduações da área da saúde e humanas: Medicina, Enfermagem, Nutrição, Farmácia, Psicologia, Serviço Social. Durante o processo ocorreu também a integração de outros docentes, particularmente do professor que acumula o papel de docente da FAMED e de médico da família na USF, na comunidade onde foi realizado o projeto enriquecendo-o de forma multiprofissional. Contamos então com profissionais das áreas da medicina, psicologia e serviço social.

As ações pedagógicas do projeto foram realizadas nas salas de aulas FAMED-UFAL e as práticas no Centro de Recuperação e Educação Nutricional (CREN) do Conjunto Denisson Menezes, em parceria com a Unidade de Saúde da Família (USF) Denisson Menezes, localizados no bairro Tabuleiro dos Martins, nas proximidades da UFAL. O CREN e a USF são referências para a comunidade que foi envolvida. A USF abrange três equipes da ESF e atende às usuárias cadastradas na região, os principais alvos do projeto.

As atividades do projeto foram divididas em três eixos: 1 - Capacitação teórica; 2- Práticas no CREN; 3- Produção de materiais educativos e de estudos científicos.

Mensalmente foram realizadas capacitações teóricas com os membros do

projeto sobre um tema previamente determinado, quer seja na forma de palestras e ou de debates, envolvendo especialistas convidados para tal. Posteriormente, era executada a ação prática com a apresentação e discussão dos conhecimentos adquiridos pelos integrantes do projeto junto as usuárias da ESF do Conjunto Denisson Menezes através de rodas de conversa.

Essa configuração das propostas pedagógicas, com uma capacitação prévia de no mínimo uma semana antes da ação prática, foi uma estratégia imprescindível para a existência de um cuidado, demandado por certas temáticas na abordagem das usuárias como, por exemplo, o tema violência obstétrica. Além disso, esses encontros prévios foram essenciais para a fabricação dos recursos didáticos para a prática, como cartazes, cartilhas, bem como o treino na técnica da roda de conversa utilizada nos encontros com as mulheres participantes entre outros.

Para esses encontros foram convidados profissionais especialistas no tema a ser discutido, no sentido de que os discentes se tornassem aptos a apresentar o tema e fomentar a discussão nas rodas de conversas.

A roda de conversa é uma estratégia política libertadora, que favorece a emancipação humana, fundamentada na pedagogia crítica de Paulo Freire, o que leva a uma melhor instrumentalização para prática educativa (FREIRE, 2011) além de contribuir para despertar a reflexão e o diálogo do grupo podendo levar uma intervenção direcionada para a transformação das usuárias quanto ao tema discutido no momento da roda (FIGUEIRÊDO, QUEIROZ, 2018).

Os temas trabalhados foram: corpo e sexualidade, saúde mental, câncer de mama e de colo de útero, empoderamento e autoestima da mulher, Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) saúde da mulher idosa, parto humanizado e violência obstétrica, maternidade nos dias atuais, alterações metabólicas, aborto, violência e assédio.

No projeto foram usados materiais básicos para expressão escrita como: lápis piloto para quadro branco, cartolinas, cartilhas, papéis, canetas, assim como o material audiovisual: projetor e câmera, além de computador, caixa de som e impressora sendo produzido matéria didático para a melhor abordagem de alguns temas.

Além disso eram distribuídos panfletos na comunidade e na UBS uma semana antes do encontro com as usuárias divulgando o mesmo e procurando a sensibilizar as mulheres da comunidade para participar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do projeto 12 discentes dos diversos cursos envolvidos, além dos doentes e palestrantes convidados para cada tema específico, o que já mostra o alcance de um dos objetivos que era integração entre áreas de saberes, todavia a tarefa de implementação do projeto de extensão integrando vários cursos da saúde e

área humana não foi fácil, sendo considerando desafiador para as duas discentes de Medicina que elaboravam a ideia inicial, tendo em vista a dificuldade de estudar em um curso de horário integral e realizar um projeto de extensão concomitantemente.

A literatura aponta que “a falta de tempo para outras atividades fora o curso de medicina é vislumbrada como responsável pela impossibilidade de manter níveis desejáveis de descanso, lazer, trabalho e alimentação” (FIGUEIREDO, 2014, p 440). Além disso, a proposta atual de se trabalhar com base na multidisciplinaridade trouxe mais um complicador tendo em vista a pouca familiaridade dos profissionais envolvidos nesse método.

Segundo Roquete:

“Apesar de a interdisciplinaridade e a visão complexa serem temas ainda pouco discutidos no âmbito da saúde, nas práticas dos profissionais de saúde o pensamento complexo é necessário, pois se deve considerar o tempo, o espaço e os contextos ético, social, político, econômico, dentre outros, que constituem o real” (2012, p 471).

Destacamos também como um dos maiores desafios enfrentados pelo grupo envolvido foi o fato de conseguir a frequência das mulheres usuárias da ESF nos encontros semanais. Apesar da divulgação maciça por meio de cartazes e de distribuição de panfletos tanto na USF quanto no CREN, além do envolvimento do docente/médico e das Agentes Comunitárias de Saúde da ESF era pequeno o número de mulheres que compareciam às ações marcadas, em comparação ao nosso desejo de envolvimento.

Ao realizar um estudo de campo para tentar entender os motivos da abstenção, foi possível perceber que tal problema é compartilhado por todos os projetos realizados na região. Como solução, foi sugerido pela coordenadora do CREN que substituíssemos a distribuição dos panfletos na entrada do CREN pela fixação destes nas agendas escolares das crianças residentes na comunidade, além de colher os contatos telefônicos de todas as mulheres que foram às ações para avisá-las por meio de telefonema dos eventos subsequentes.

Na literatura, foram encontradas respostas semelhantes em relação à participação dos programas e atividades educativas oferecidos nas unidades de saúde. Trabalho realizado com eventos semanais oferecidos para a terceira idade em Minas Gerais descreveu que o público alvo comparece ao local apenas para agendamento de exames e consultas, esse comportamento pode enfraquecer as estratégias preventivas e promotoras de saúde e qualidade de vida (SILVÉRIO, 2016).



Figura 1 – Panfleto de convite para as reuniões

Outro grande desafio de nosso projeto foi o estabelecimento de um diálogo apropriado com as usuárias durante as ações, especialmente, porque decidimos que a construção do conhecimento se fundamentaria nas rodas de conversa, às vezes carentes de fluidez e foco. Isso se agrava em ações com temas considerados tabu como, por exemplo, sexualidade e aborto, pois há um bloqueio inicial esperado na fala por parte das mulheres. Nesses casos, os integrantes do AISAM buscavam estratégias para permitir a descontração através de dinâmicas e a participação como relatos pessoais para assim desenvolver empatia e segurança entre as mulheres e o grupo.

O início de um diálogo requer estabelecimento de um vínculo anterior e uma relação de confiança, o que exige dos pretendidos educadores a capacidade de se despir de seus julgamentos, tendo em vista que a prática de alguns profissionais é marcada por preconceitos e tabus (ARAÚJO, 2006, p 324).

A adequação do nível de escolaridade e alfabetização das mulheres usuárias, se refletiu no conhecimento adquirido durante as reuniões uma vez que muitas usuárias do Conjunto Denisson Menezes não sabem ler e nem escrever. Por isso, optou-se por mais rodas de conversa e dinâmicas do tipo gincanas e menos apresentações de slides, recurso usado apenas para projetar imagens. Do mesmo modo, foi feita uma adaptação da linguagem e dos exemplos usados durante as discussões e também foram elaboradas cartilhas didáticas construída com base em tópicos e imagens, além de outros instrumentos facilitadores do processo de aprendizagem como a exibição de vídeos e *quizz* de perguntas com respostas do tipo “verdadeiro ou falso”.



Figura 2 - Roda de conversa em ação do projeto AISAM

A falta de materiais didáticos e o baixo nível de escolaridade é uma das dificuldades para realização de oficinas educativas em comunidades carentes, principalmente por causa do alto índice de analfabetismo no município em questão (MELO, 2005) A apresentação de materiais ilustrativos como cartazes, modelos anatômicos, entre outros é necessário para transmissão de informações de maneira clara. Foram confeccionados materiais para este projeto como o apresentado na figura 3.

Outra grande dificuldade é a falta de assiduidade também entre os discentes membros do projeto. O que torna necessário um grande esforço para conciliar as datas de execução das capacitações teóricas e das ações práticas com as atividades e programas individuais de cada membro, principalmente as primeiras, pois elas dependem ainda da disponibilidade dos palestrantes.



Figura 3 - Cartilha sobre Saúde Mental - Projeto AISAM

Ademais, percebemos a necessidade de divulgar a bagagem adquirida na extensão com a comunidade acadêmica e geral, o que motivou a elaboração de trabalhos científicos que foram apresentados no XX Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero (XX REDOR) em Salvador -BA em 2018. Foi elaborado também projeto de pesquisa,

modalidade qualitativa através de grupos focais, a fim de analisar as visões sobre o empoderamento feminino, a violência doméstica e saúde mental entre as usuárias participantes deste projeto.

CONCLUSÕES

O trabalho em equipe multidisciplinar e a estratégia de abordagem através da roda de conversa foi o diferencial do projeto, que aparece como uma semente de reflexão sobre o tema.

Identificamos alguns resultados de nosso projeto, tais como: superação de obstáculos para sua execução e devolutivas das mulheres que participaram das ações do AISAM. Fatos estes motivam o grupo para a continuidade e aperfeiçoamento na busca de servir de exemplo para que outros grupos repliquem as extensões universitárias voltadas à saúde feminina, ainda pouco discutida fora do eixo reprodutivo-maternal.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, Naomar de. Transdisciplinaridade e Saúde Coletiva. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v. 2, n. 1-2, p. 5-20, jan, 1997.

ARAUJO, Maria Alix Leite; GALVÃO, Marli Teresinha Gimenez; SARAIVA, Micheli Morais Martins; ALBUQUERQUE, Angela Dias. Relação usuária-profissional de saúde: experiência de uma mulher homossexual em uma unidade de saúde de referência de Fortaleza. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 10, n. 2, p. 323-327, abr/jun, 2006.

BRITO Geraldo Eduardo Guedes de, MENDES Antonio da Cruz Gouveia, NETO Pedro Miguel dos Santos. O objeto de trabalho na Estratégia Saúde da Família. **Revista Interface**, v. 22, n. 64, p. 77-86, jan/mar, 2018.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes – Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução Nº 3, de 20 de junho de 2014**. Disponível em: <https://faceres.com.br/cursos/medicina/diretrizes-curriculares-nacionais-medicina-de-2014>.

Acesso em: 15/03/2018.

CRUZ, Mércia Santos; IRFFI, Guilherme. Qual o efeito da violência contra a mulher brasileira na autopercepção da saúde? **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v. 24, n. 7, p. 2531-2542, jul, 2019.

DAMACENO Maria José Caetano Ferreira, CHIRELLI Mara Quaglio Chirelli . Implementação da Saúde do Idoso na Estratégia Saúde da Família: visão dos profissionais e gestores. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v. 24, n. 5, p. 1637-1646, mai, 2019.

DINIZ, Simone Grilo, SALGADO, Heloisa de Oliveira, ANDREZZO, Halana Faria de Aguiar, Carvalho, Paula Galdino Cardin de, Carvalho, Priscila Cavalcanti Albuquerque, Aguiar, Cláudia de Azevedo, & Niy, Denise Yoshie. Violência obstétrica como questão para a saúde pública no Brasil: origens, definições, tipologia, impactos sobre a saúde materna, e propostas para sua prevenção. **Journal of Human Growth and Development**, v. 25, n. 3, p. 377-384, 2015.

FERNANDES, Flávia Emília Cavalcante Valença; NASCIMENTO, Mayra Cavalcante do; ARRUDA, Palloma Lopes de; MELO, Rosana Alves de. Impacto das ações de alimentação dos sistemas de informação da atenção primária sobre a atenção aos indivíduos e comunidade. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental (Online)**, v. 11, n. 4, p. 862-867, jul/set, 2019.

FIGUEIREDO, Adriana Maria; RIBEIRO, Gustavo Meirelles; REGGIANI, Ana Luiza Martins; PINHEIRO, Bruno de Araujo; LEOPOLDO, Gabriela Oliveira; DUARTE, Jessica Almeida Horta; OLIVEIRA, Ligia Barros; AVELAR, Luisa Martino. Percepções dos estudantes de medicina da UFOP sobre sua qualidade de vida. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 38, n. 4, p.435-443, ago, 2014.

FIGUEIRÊDO Alessandra Aniceto Ferreira de, QUEIROZ Tacinara Nogueira de. A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10, 10, 2016. Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de SC, 2013. Disponível em:

<http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373241127>

Acesso em 10 de abr. 2018.

MELO, Gilberto; SANTOS, Regina Maria; TREZZA, Maria Cristina Soares Figueiredo. Entendimento e prática de ações educativas de profissionais do Programa Saúde da Família de São Sebastião - AL: detectando dificuldades. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 58, n. 3, p. 290-295, maio/jun, 2005.

OLIVEIRA Barbara de Paula, SILVA Marco Aurélio Santana da, SOUZA. O direito à saúde de pessoas trans* no Distrito Federal: entre o direito de existir e o direito à equidade. **Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário**, v. 8, n.1, p. 10-25, jan/mar, 2019.

FALCONE, Rosa. Género y enfoque historico-social. Las mujeres en el tiempo . **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 18, n. 4, p. 1323-1347, out/dez, 2019.

ROQUETE, Fátima Ferreira; AMORIM, Maria Marta Amâncio; BARBOSA, Simone de Pinho; DE SOUZA, Danielle Cristina Moreira; CARVALHO, Daclé Vilma. Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade: em busca de diálogo entre saberes no campo da saúde pública. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, v. 2, n. 3 p. 463-474, 2012.

SILVA, Patrick Leonardo Nogueira da et al . Práticas educativas sobre violência contra a mulher na formação de universitários. **Revista Bioética**, v. 24, n. 2, p. 276-285, 2016.

SILVA Nirlande Rodrigues da, Xavier Heloísa Rodrigues, Rocha Thiago Lara da, SANTOS Veridiana Lourenço Tavares, Magda de Mattos Magda , SANTOS Débora Aparecida da Silva et al. Perfil de saúde de mulheres atendidas em estratégias saúde da família em Mato Grosso. **Journal Health NPEPS**, v. 4, n. 1, p.242-257, jan/jun, 2019.

SILVERIO, Natalia de Toledo. A baixa adesão dos idosos aos Programas de Atenção na Unidade Escola em Passos Minas Gerais. 2015. Trabalho de conclusão de curso, especialização em atenção básica em saúde da família, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

SPINK Mary Jane Paris; PEDROSA Claudia Mara. A Violência Contra Mulher no Cotidiano dos Serviços de Saúde: desafios para a formação. **Saúde e Sociedade**, v. 20, n.1, p. 124-135, 2011.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO - Doutoranda em Educação Escolar. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX”.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alcoolismo 6, 87, 88, 89, 93, 94, 123

Anti-racismo 178

Atenção à saúde 7, 10, 124, 178, 179, 180, 181, 182, 197, 198, 200, 205

Autobiografia 64, 65

C

Cárcere 158, 160, 162, 163, 164, 166

Carolina de Jesus 144, 169, 170, 171, 172, 176

Ciberativismo 74, 77, 85

Corpo Humano 13, 14, 15, 16, 19, 25, 26

Currículo 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 79

D

Diversidade 25, 98, 104, 108, 113, 115, 118, 143, 170, 173, 179, 184, 185, 190

Dramaturgia de F(r)icção 64

E

Educação 1, 3, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 37, 45, 50, 51, 58, 61, 90, 94, 112, 117, 118, 121, 134, 136, 138, 143, 144, 149, 165, 167, 172, 173, 177, 192, 200, 205, 206, 207

Elza Soares 169, 170, 174, 176

Ensino de Ciências 13, 14, 16, 19, 24, 25, 26

Escola 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 152, 153, 205, 206

Escola primária 13, 14, 16, 17, 18, 20, 22, 25, 26

Estado da Bahia 28, 30, 33, 35, 37, 38, 108, 112

Estratégias negras de resistência 169, 175

Exclusão social 116, 119, 121, 123, 126, 161

Extensão universitária 196, 199

F

Fatores psicossociais 87, 88, 89

Feminicídio 28, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 190

G

Gênero 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 65, 67, 74, 85, 89, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 116, 117, 118, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 139, 146, 148, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161,

163, 164, 167, 170, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 188, 190, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 204, 206

I

Inaicyra Falcão 169, 170, 172, 176

L

Laqueadura 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105

Legislação 28, 30, 38, 49, 55, 57, 82, 129, 158, 163, 166

Lutas 41, 43, 50, 55, 68, 142, 149, 173, 184, 187, 194, 198

M

Memória 26, 50, 138, 139, 148, 149, 150, 151, 152, 156, 157, 161

Mercado de trabalho 4, 18, 46, 48, 88, 127, 128, 129, 131, 135, 136, 137, 149, 180, 183, 188

Movimentos feministas 40, 41, 42, 43, 44, 46, 50, 55, 97, 154, 190

Mulher 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 12, 15, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 68, 72, 76, 77, 78, 83, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 98, 100, 102, 103, 116, 129, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 144, 148, 149, 153, 154, 155, 157, 166, 171, 172, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 206

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 15, 19, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 57, 58, 61, 62, 65, 67, 68, 69, 71, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 111, 114, 116, 123, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 165, 166, 169, 170, 171, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 206

Museologia 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Museu 13, 16, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

N

Normativas 79, 117, 158, 164, 165, 166, 167

P

Parteiras e doulas brasileiras 74

Participação 31, 48, 49, 55, 68, 79, 85, 100, 105, 121, 129, 133, 134, 136, 149, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 196, 198, 202, 203

Performance 64, 65, 66, 69, 70, 72, 88, 176

Política 5, 6, 7, 8, 10, 20, 21, 27, 29, 43, 48, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 64, 66, 74, 79, 88, 89, 109, 120, 122, 123, 124, 125, 136, 139, 143, 148, 149, 154, 155, 156, 160, 165, 166, 171, 172, 181, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 201, 205

Políticas para as mulheres 11, 40
Políticas públicas 30, 33, 37, 38, 46, 48, 49, 51, 52, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 87, 89, 119, 121, 122, 124, 158, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 197, 199
População em situação de rua 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125
População “T” 158
Projeto ponto de cidadania 119, 120
Psicologia 87, 89, 93, 108, 109, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 200, 206

R

Redes sociais digitais 74
Relações de gênero 3, 4, 9, 11, 38, 48, 50, 52, 53, 54, 58, 60, 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 137, 180, 204
Representação social 13, 23, 89, 92, 119, 122, 124, 144
Reprodução 42, 52, 54, 55, 56, 96, 97, 103, 104, 106, 107, 197

S

Saúde 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 23, 25, 27, 55, 75, 76, 79, 82, 85, 86, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 110, 112, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 134, 163, 165, 168, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206
Saúde da família 8, 112, 193, 196, 198, 200, 205, 206
Saúde da mulher 2, 3, 7, 184, 196, 197, 198, 200, 201, 205
Saúde integral 181, 196, 200
Segregação 45, 114, 122, 127, 128, 129, 130, 131, 135, 136, 137
Sexualidade 4, 15, 20, 31, 36, 75, 97, 100, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 139, 146, 149, 155, 157, 196, 200, 201, 203, 207
Sindicalismo 148, 156

T

Trabalho 2, 4, 5, 6, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 26, 27, 29, 31, 40, 42, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 72, 75, 76, 78, 79, 83, 88, 92, 93, 96, 99, 103, 104, 107, 108, 111, 121, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 187, 188, 191, 193, 196, 198, 199, 202, 205, 206

V

Violência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 22, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 44, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 65, 75, 87, 90, 91, 93, 95, 106, 107, 108, 110, 111, 114, 115, 122, 155, 158, 159, 160, 161, 167, 175, 181, 183, 184, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 205, 206
Vulnerabilidade 4, 119, 121, 161, 164, 168, 193